



MobFan

I

Paisagem enigmática
Mítica ou real?
Controversa... Abissal!

II

Com essa rede entremeada
De arbustos e arvoredos
Com raízes profundas fincadas
Mas pelas marcas 'superficializadas'
Entre sombras acinzentadas
Céu azul colossal
Aspereza macia
Pulcro ensolarado
Chamejante... ou desbotado?
Emerge um brilho alucinante
Em gélido inverno descomunal!

III

De Uns...
Ouve-se uma indagação:
Como beleza fenomenal
Pode despertar destroços
Atrelar embaraços?
Angústia camuflada?... velada?...encoberta?
Inesperadamente, ativada... descoberta?

Como ser também predição...
Prenúncio... anúncio
De tristeza desmedida
Desesperança depressiva
Ou de solidão anormal?

IV

Daqueles Outros...
Em tempo de longínqua recordação...
Rememora-se de como, com o impasse de sua arte
Em tentativas de ‘dita’ sublimação
À dor, davam voz
E cantarolavam, com o coração:
“*Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu...*”

V

Destarte...
É trazido à tona
A quase bicentenária
Psicanálise!!!!
Que já como peste
Por seu Pai fora batizada
E entre adversidades, lançada!!!
Hoje... por Alguns Outros apaixonados
Advertidos... acautelados
Lacan e seus constructos
No Seminário da Ética, pinçados
Aqui serão articulados!

VI

PARÊNTESE
Parafraseando, Doltô:
“Arrisca-se com responsabilidade”!
Portanto...
As inversões ou supressões
Nas possíveis citações
Que porventura apareçam
Intentam que
‘*Com Palavras A Brincar*’
A rima possa aflorar!”

VII

Continua-se com Lacan:
O filhote de homem
Anatural e mortificado
Pela sua entrada na linguagem
Desde sempre
Campo do inconsciente!
Assinala:

“... esse campo... logicamente organizado, comporta uma *Spaltung* que se mantém em toda a seqüência do desenvolvimento, e é em relação a essa *divisão* que deve ser

articulado, em sua função, o desejo como tal. Esse desejo apresenta assim certas arestas, um certo ponto de obstáculo...” O que complica na experiência freudiana “... a direção dada ao homem de sua própria integração.” (p.256)

VIII

Então...

Sujeito de desejo... Desejo? Inconsciente...

Dividido... Sujeito ambíguo...

Ininterruptamente castrado

Sujeito Barrado

Diante fulguroso espetáculo

Mais próximo ao natural

Bascula entre o estonteante visual

E, o que, com ímpeto, o ‘erupciona’

Enlameando o seu astral!

Subitamente, em larvas ou aguaças

Vulcânicas silábicas evacuadas

Surge o seu sofrer

Sem saber o que, nem o porquê!

E, Lacan, em sua interlocução sobre o Sujeito, afirma que o mesmo está inserido num “... campo onde o sujeito, se ele subsiste, é incontestavelmente um sujeito que não sabe, num ponto de ignorância limite, se não absoluta.” (p.260)

IX

Artesão... *falasser*

Insurgido da cadeia significante

E, entre significantes, representado

Com palavras em *desregramento* encadeadas

Desnorteadas... destrilhadas... ‘desencarreadas’

Evasivas e/ou certeiras sobre si

Como alvo de deprecição... apreciação?

Instiga a se revisitar novamente Àqueles Outros:

“*O que dá pra ri*

Dá pra chorar ...”

Ao escutar-se sua perspicaz musicalidade

Prontamente, argúi-se

Encobre-se aí uma caricata amenidade?

E, Lacan ressalta: “... se as vias para o gozo têm, nelas mesmas, algo que se amortece, que tende a ser impraticável, é a interdição que lhe serve, por assim dizer, de veículo utilitário, de tanque para sair desses círculos que trazem sempre o homem, sem saber, o que fazer, para a rotina de uma satisfação curta e tripudiada.” (pag. 217)

X

O humano, como ser de linguagem

E na mesma entrelaçada

Tece seu enxoval psíquico

Com o jogo metafórico do significante

Menção, por Lacan, realçada:

“É em relação com a articulação significante que ele, como sujeito, surge como consequência.” (p.268)

Sujeito padecente

“Nessa paixão do significante surge o ponto crítico, do qual a angústia é, no caso, apenas um afeto desempenhando o papel de sinal ocasional.” (p. 178), adverte.

XI

Cenário de encanto indescritível
Ou de crueldade atormentável... indizível?
Enodamento em imbricada trama
Onde há um furo... um toro...
Que ‘bordeia’ um túnel...
Às vezes, com um fio luminoso
De um Simbólico enevoadado... fosco
Outras vezes, posto que brilhante
Nem sempre eclode radiante!

XII

Uns dizem permanecer
Numa invernia crucial insistente
Com um sofrimento persistente:
O Inverno Existencial de Cada Um!
De Imaginário inchado... hipertofiado... vexante...
Pesado e escaldante para o ser andante
Que elide o Sujeito claudicante
Entre enxurrada de atrofiados significantes!

XIII

Persiste-se questionando, Àqueles Outros:
Estariam vivenciando também seu inverno existencial?
Seu inferno sideral?
Utilizam-se da “via sublimatória”
Para minorar os efeitos
Do avassalador Real?
Conclamada, então, a sublimação
Por Lacan comentada
A partir do conceito de mito de Lévi-Strauss:
“...uma organização significativa, um esboço, por assim dizer, que se articula para suportar as antinomias de certas relações psíquicas... (p.178)”

XIV

...Que mesmo assim...
Sem dar em nada
Nem dar conta de nada
Ou nada ter a se dizer
Convidam-se Àqueles Outros
Que em vias de ilusão resplandecente
Vislumbrando o panorama como magistral
Apostam na luz no fim do túnel
Ou no chão no fundo do poço
Entoando a todo vozerio
Outra canção de complexidade transcendental:
“Viver... e não ter a vergonha de ser feliz!”

REFERÊNCIAS

J. Lacan - O Seminário, Livro 7, A Ética da Psicanálise – R. Janeiro, 1988 – Jorge Zahar Editora.
MobFan. Imagem para celular – Paisagem de Inverno – Fonte Google.